O RÁDIO COMO FERRAMENTA DIDÁTICA EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA [1]

Sandra Valéria da Silveira Aquino [2]
Gilse A. Morgental Falkembach[3]

RESUMO

O presente estudo caracteriza-se por apresentar um relato de experiência sobre o uso do rádio como ferramenta didática em aulas de Língua Portuguesa, com alunos do 9º ano de uma escola municipal da cidade de Santiago, RS. O objetivo do artigo é mostrar como usar o rádio em aulas da língua portuguesa. A metodologia é a partir de um breve aporte teórico, destacar as diversas competências e habilidades que a atividade radiofônica pode suscitar no aluno, bem como de que modo é tratado o uso da linguagem oral nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Como conclusão pode-se dizer que o rádio utilizado em sala de aula, como recurso didático, propicia ao aluno estar envolvido nas fases do projeto de criação e de produção do processo radiofônico. Isso possibilita ao aluno trabalhar cooperativamente, expressar ideias e opiniões e aprender a resolver problemas em equipe o que é uma qualidade importante para o futuro profissional do século XXI.

ABSTRACT

The present study is to an experience report on the use of radio as a teaching tool for classes in Portuguese, with students from 9th grade of a public school in the city of Santiago, RS. The aim of this paper is to show how to use the radio in the Portuguese language classes. The methodology is from a brief theoretical, highlight the diverse skills and abilities that radio activity may raise the student, as well as how it is treated using oral language in the National Curriculum. In conclusion we can say that the radio used in the classroom as teaching tool, allow the students to be involved in the phases of project creation and production process of the radio. This allows the student to work cooperatively, express ideas and opinions and learn to solve problems in a team which is an important quality for the professional future of the twenty-first century.

Keywords: Radio; language, skills, abilities.

1 INTRODUÇÃO

A questão que mobiliza esse estudo surge a partir da problemática de que, com a evolução da comunicação, a educação acaba sofrendo mudanças também e, sendo assim, não se pode pensar na escola desvinculada do processo de comunicação, ou seja, o desafio da escola nos dias de hoje é

---

[1] Artigo apresentado ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.
[2] Aluna do Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria.
[3] Professora Orientadora Doutora em Informática na Educação – ULBRA – Santa Maria

buscar alternativas de inclusão de mídias, construindo modalidades novas de aprendizagem, as quais mobilizem habilidades e competências igualmente importantes para o educando.

Desse modo, nossa experiência de escola pública municipal insere-se na problemática desse trabalho, ou seja, cientes das dificuldades sociais, técnicas e econômicas do cotidiano escolar em relação a tudo o que se refere às novas tecnologias e ao uso das mídias, se considera o rádio como uma alternativa viável de trabalho em sala de aula. Nosso corpus de estudo considerará um relato de experiência com alunos do 9º ano de uma escola municipal da cidade de Santiago-RS.

Desse modo, valem as perguntas: quais os desafios em se trabalhar com a mídia rádio na escola contemporânea? Quais as possibilidades que esse suporte ainda oferece? Que habilidades e competências o uso do rádio na escola mobiliza no aluno? O rádio ainda é uma alternativa viável de aprendizagem?

Na tentativa de responder essas indagações divide-se este estudo em dois momentos: um primeiro destina-se a compreensão histórica do rádio através de sua origem e sua relação com a escola, num segundo apresenta-se um relato de experiência articulado aos dispositivos teóricos de letramento, ou seja, às habilidades e competências propiciadas pelo uso do rádio em sala de aula.

Centra-se, assim, esta investigação em um objetivo principal: o de visualizar possibilidades de utilização pedagógica produtiva do uso de mídias tradicionais como o rádio, na informação e na formação dos educandos. Além disso, como objetivos específicos procuram-se investigar a relação dos alunos com o rádio no seu dia a dia, identificar os principais interesses ao ouvir rádio feito pelos alunos a partir das observações e dos relatos, bem como identificar de que modo a propaganda se diferencia na linguagem entre a mídia impressa e a radiofônica e, ainda, identificar quais habilidades e competências o uso do rádio no processo de aprendizagem propicia ao aluno.

.

2 O RÁDIO NO BRASIL

Conforme Ponte Filho e Patrocínio (2001), em1922, um grupo de americanos, apresentou o funcionamento de uma emissora radiofônica, na Exposição do Centenário da Independência do Brasil, no Rio de Janeiro, antiga Capital Federal. No dia 7 de setembro de 1922, o discurso do então presidente da República, Dr. Epitácio da Silva Pessoa, foi ouvido no recinto da exposição e também em Niterói, Petrópolis e São Paulo, por intermédio de um sistema de "Telefone Alto-Falante", montado na praia vermelha, e de um transmissor instalado no alto do Corcovado pela Westinghouse Electric.

A primeira emissora surge em 1923, fundada por Edgard Roquete Pinto, na Academia Brasileira de Ciências chamava-se Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e abriu precedência para o surgimento de várias outras rádios como as Rádios Clube do Brasil – que mais tarde viria a se chamar Rádio Mundial, Mayrink Veiga, Sociedade Rádio, Philips do Brasil, Educadora do Brasil, Transmissora, depois Rádio Globo e dezenas de outras rádios em outras unidades da Federação. Essa competição pela audiência, aponta Bahia[3] (apud Ponte Filho e Patrocínio, 1990), fomentou aos poucos novos gêneros e formas de veiculação radiofônica e já no final dos anos 20 as programações já eram bem variadas, incluindo jogos de futebol, radioteatro e programas humorísticos.

Os primeiros anos do rádio no Brasil ficaram marcados por muitas dificuldades de cunho financeiro, pois eram mantidas por colaboradores ou espécie de sócios, que nem sempre se mantinham pagando as mensalidades, o que colaborava para o constante surgimento e desaparecimento de inúmeras emissoras. A solução para superar as crises financeiras foi copiar os modelos americanos, que mantinham patrocinadores, mas faltavam também os candidatos a anunciantes. Além disso, havia a escassez de aparelhos receptores, que eram importados e caros, limitando sua aquisição a uma parcela privilegiada da sociedade. Devido à falta de verbas e de ouvintes, as rádios limitavam sua programação aos horários da manhã e da noite e, outro

---

[3]Disponível:<www.catavento.org.br/arquivos/O_RADIO_NA_ESCOLA_COMO_INSTRUMENTO_EDUCATIVO.pdf>

.

problema enfrentado pelas emissoras, era o da falta de regulamentação sobre a veiculação de publicidade, pois o decreto-lei nº 16.657 (15/11/1924) reservava para o governo o direito de permitir a difusão rádio-telefônica de anúncios e reclames comerciais.

Nesta época o rádio era desacreditado como veículo eficaz para estimular o crescimento do consumo e atrair novos clientes. No final da década de 1920, o rádio procurou o caminho da profissionalização, com novos projetos, voltados para o entretenimento. O rádio popularizou-se a partir da década de 1930, ao executar músicas populares, quadros humorísticos para famosos programas de rádio.

Na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a emissora de Roquette Pinto e Henry Morize, foi o berço da ideia do rádio educativo. Sua programação era eminentemente cultural, divulgando poesia, literatura e ciência, música de concerto e “deu as primeiras aulas” de pronúncia padrão brasileira da língua portuguesa.

Ainda conforme Bahia (apud Ponte e Filho e Patrocínio, 1990, p. 199,), os anos dourados do rádio brasileiro abrangeram o período compreendido entre 1920 a 1970. Dentro destes, elege quatro etapas que considera de máxima importância: “a dos locutores e apresentadores; a dos cantores; a da radionovela; e a da informação”.

O rádio sobrevive no século XXI renovado pelas novas tecnologias, que aprimoram a qualidade da transmissão, mas em relação a sua essência, o rádio não mudou, pois continua sendo um veículo de comunicação ágil, popular, barato, com maior alcance e menor custo em sua produção.

Entre os exemplos do rádio, a serem seguidos na educação, para atingir seu público, se menciona os esforços para manter a interatividade, pois as programações mantêm contato direto com os ouvintes através de diversos canais como telefone, *email*, MSN, *facebook*, *Orkut, blogs*. É devido a isso que se pode afirmar que no Brasil, o rádio é um meio de comunicação social que atinge mais pessoas, e de posse dessa informação, é inegável que se transforme em instrumento precioso para fins políticos e religiosos. O rádio mostra sua força política na quantidade de indivíduos provindos de carreiras .

fomentadas pelo veículo, que se elegeram nas últimas eleições. Soma-se ao seu diferencial o fato de que, embora a TV atinja uma grande parte da população, o uso da imagem exige que o telespectador interrompa suas atividades para receber a informação completa, o qual não é necessário pelo ouvinte do rádio.

2.1 USO DO RÁDIO NA EDUCAÇÃO: ABORDAGENS

Um projeto chamado Movimento de Educação Base (MEB), de 1950 a 1960, tentou resgatar os ideais do rádio educativo proposto por Roquette-Pinto, consistia em utilizar a metodologia de Paulo Freire para alfabetizar agricultores das regiões Norte e Nordeste.

> A comunicação, compreendida como troca de conhecimentos,
> possui uma dimensão educativa que deve ser levada em conta já que educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados (FREIRE; 1992, p.69).

O projeto acabou sendo interrompido em 1964, por ocasião da ditadura militar, que durou quase 30 anos, período em que o país viveu a limitação dos direitos civis dos cidadãos, os veículos de comunicação foram um dos principais alvos do novo regime. Mesmo assim, o governo militar continuou a se interessar pelo uso do rádio como uma ferramenta educativa, propondo o Projeto Minerva, um programa obrigatório, veiculado em cadeia nacional durante cinco horas semanais. O projeto terminou no início da década de 1980, pela escassez de resultados concretos mensuráveis.

A idéia da função educativa do rádio é retomada nos anos 1990-2000, quando movimentos sociais organizados, que sem fins lucrativos, acabaram assumindo as funções do Estado, tais como a complementação da educação básica e a democratização das práticas comunicativas.

.

Para Ponte Filho e Patrocínio [4]em seu artigo "O rádio na escola como instrumento educativo: estudo de caso do programa "antenados", disponível em <www.catavento.org.br/arquivos/O_RADIO_NA_ESCOLA_COMO_INSTRUMENTO_EDUCATIVO.pdf>. Acesso em: 27 de dezembro de 2011), que

> a escola não pode desconsiderar ou negar a presença das mídias no cotidiano dos alunos. As novas tecnologias fazem parte do mundo da escola, do educando e do educador. Todos vivem e convivem numa sociedade movida pela informação. O rádio, como as outras mídias eletrônicas, é mais dinâmico, atraente e rápido do que a dinâmica escolar. A escola, que ao longo dos tempos se distanciou da vida cotidiana, busca hoje diminuir estas distâncias e é neste sentido que o uso do rádio na educação vem contribuir, ou seja, preencher a espaço formado entre sociedade e escola. Ao utilizar o rádio aliado às escolas, amplia-se a capacidade de estratégias criativas para uma educação de qualidade chegar o mais longe possível.

Procurando diminuir essas distâncias, surgem no Brasil projetos de utilização dos meios de comunicação na educação. Ponte (2001) afirma que a educação começou a evoluir, pois a transdisciplinaridade aproximou os tradicionais campos da Educação com a Comunicação Social, e se refere a Educomunicação como "inovadora disciplina", no qual professores utilizam os meios de comunicação – tv, rádio, jornais, revistas, Internet – como complemento fundamental a ser acrescido no programa escolar. Segundo a jornalista, pesquisas foram realizadas pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Escola da Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), a qual concluiu que

> "a melhor maneira de utilizar os meios de comunicação (MC) não é servindo como auxílio e sim elaborando programas de TV e rádio e auxiliando os alunos na montagem de jornais, revistas e sites. Assim, os MC, que são tão comuns no cotidiano, vão fazer

[4]Disponível: <www.catavento.org.br/arquivos/O_RADIO_NA_ESCOLA_COMO_INSTRUMENTO_EDUCATIVO.pdf>. Acesso em: 27 de dezembro de 2011

.

> com que os alunos estejam mais informados e melhor preparados para o mundo".

Projetos conveniados com universidades como a USP e a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo para a concretização do Projeto Educom.Rádio (Educomunicação pelas Ondas do Rádio), iniciado em 2001 e finalizado em 2004, visava abranger profissionais de educação, alunos e membros adultos das escolas municipais de São Paulo, em forma de oficinas e exercícios práticos. Outro projeto significativo está acontecendo na E.E. "Dep. Maurício Goulart". O projeto tem quatro etapas (rádio, tv, jornais ou revistas e internet), todas com conteúdos teóricos, contando suas histórias e origens no Brasil, introduzindo com o conceito da educomunicação e ensinamentos práticos (aulas de produção).

Em palestra para o Seminário "Educação e Comunicação - Quem faz a nossa cabeça?", realizado em 12 e 13 de setembro de 2002, o professor Dr. Ismar de Oliveira Soares (jornalista, coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes - ECA/USP) apresentou sua proposta de Educomunicação. Ponte[5] cita uma entrevista publicada no site do Mundo Jovem, na qual menciona como essa nova disciplina pode ser feita na prática:

> Isto se torna fácil hoje, na medida em que os meios e as tecnologias se tornam mais acessíveis. Hoje é barato você ter um pequeno estúdio de rádio, ou de vídeo, ou um laboratório de informática. E a linguagem dos meios começa a ser acessível, mesmo às crianças pequenas. E, neste sentido, o que se tem observado é que quando as crianças e professores e líderes religiosos se apoderam destas imagens, dominam estas tecnologias, e começam a examinar a sua própria produção e ver a forma como, por exemplo, eles próprios foram manipuladores desses veículos quando quiseram fazer uma produção e convencer alguém, isto permite que esses mesmos receptores dos meios massivos se tornem críticos com relação a esses meios e comecem a pensar em projetos alternativos. A alternativa, hoje, não vem mais do ideário, de grupos que queiram fazer algum tipo de revolução na sociedade. Ela vem a partir da incidência destes grupos junto à população, permitindo que a população se

[5] Ponte, Gabriella.Sete Pontos. Disponível em: WWW.comunicacao.pro.br/setepontos/7/educom.htm- acesso em:28 de dezembro de 2011.

.

> expresse enquanto comunicadora. E aí há uma transferência de lideranças, de grupos que no passado comandavam a chamada comunicação alternativa, para a própria sociedade. Estes grupos, estes líderes se transformam hoje em motivadores e mobilizadores da sociedade, permitindo que esta sociedade se comunique. Daí nasce o conceito de Educomunicação, que é um conceito que reúne o objetivo de construção de cidadania mediado por uma relação entre a comunicação e a educação. E esta mediação significa que os líderes que estão propondo esta mudança se transformam em facilitadores do acesso da tecnologia às classes populares, por exemplo.

Saviani (1997) comunga essa mesma ideia de que a escola precisa reformular suas práticas educativas, no sentido de proporcionar o contato e a integração com os meios de comunicação de massa, os quais estão presentes na rotina diária dos alunos, buscando sua utilização para, com criatividade, inovar o processo educativo e, assim, oferecer maiores condições de aprendizado. O autor pondera que a escola não pode ignorar o importante papel que os meios de comunicação exercem na vida das crianças e, levando em conta esse dado, deve “procurar responder a essas necessidades de diferentes maneiras, seja em termos de se adequar a essa nova situação, seja em termos de incorporar alguns desses instrumentos no seu próprio processo de trabalho”.

Para reforçar a citação acima, a revista Nova Escola (setembro de 2003), ao abordar o tema Rádio e Escola: uma sintonia fina discute quais seriam os ganhos pedagógicos para os estudantes? O professor Ismar Soares responde que um dos ganhos imediatos é no campo da escrita, pois os alunos “precisam escrever a pauta do programa, fazer o roteiro de uma radionovela ou redigir notícias, muitas delas, que nunca ou pouco haviam escrito, estão apresentando textos muito mais bem estruturados”. Além disso, completa o professor, “debatem sobre temas que podem ser tratados em programas radiofônicos, como saúde, meio ambiente e sexualidade”. Conforme o professor, educomunicação não deve ser encarada como um reforço de aprendizagem, mas como um canal que abre espaço para a comunicação, favorecendo o aprendizado.

.

2.2 O RÁDIO COMO FERRAMENTA DIDÁTICA: UMA VISÃO DOS PCN'S ACERCA DA LINGUAGEM ORAL

Nesta seção do estudo, pretende-se abordar o que trazem os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, doravante PCN's, em relação ao trabalho com a linguagem oral no ensino fundamental, uma vez que o relato de experiência que constitui o corpus deste artigo relaciona-se ao 3º e 4º ciclos. Os PCN's são instrumentos cujos objetivos estão relacionados "a servir de apoio ao desenvolvimento do projeto educativo da escola, à reflexão sobre a prática pedagógica, ao planejamento das aulas, à análise e seleção de materiais didáticos e de recursos tecnológicos" (PCN 1998, p.8). Desse modo, constitui-se elemento importante para subsidiar a prática docente em sala de aula e, portanto, insere-se como referência neste artigo.

Dentre outros tantos objetivos do ensino fundamental, os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam que os alunos sejam capazes de "utilizar as diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação; e, também, saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos";

Como objetivos gerais de Língua Portuguesa os PCN's destacam:

a) utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais;

b) conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito lingüístico;

c) reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social como instrumento adequado e eficiente na comunicação cotidiana, na elaboração artística e mesmo nas interações com pessoas de outros grupos sociais que se expressem por meio de outras variedades;

No que se referem à linguagem oral, os PCN's (2008) trazem uma importante reflexão:

> o avanço no conhecimento das áreas afins torna possível a compreensão do papel da escola no desenvolvimento de uma

.

> aprendizagem que tem lugar fora dela. Não se trata de ensinar a falar ou a fala “correta”, mas sim as falas adequadas ao contexto de uso (p. 30).

No trabalho com os conteúdos previstos nas diferentes práticas, a escola deverá organizar um conjunto de atividades que possibilitem ao aluno desenvolver o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem, levando em conta a situação de produção social e material do texto (lugar social do locutor em relação ao(s) destinatário(s); destinatário(s) e seu lugar social; finalidade ou intenção do autor; tempo e lugar material da produção e do suporte) e selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a produção do texto, operando sobre as dimensões pragmática, semântica e gramatical.

No processo de escuta de textos orais, espera-se que o aluno:

a) amplie, progressivamente, o conjunto de conhecimentos discursivos, semânticos e gramaticais envolvidos na construção dos sentidos do texto;

b) reconheça a contribuição complementar dos elementos não verbais (gestos, expressões faciais, postura corporal);

c) utilize a linguagem escrita, quando for necessário, como apoio para registro, documentação e análise;

d) amplie a capacidade de reconhecer as intenções do enunciador, sendo capaz de aderir a ou recusar as posições ideológicas sustentadas em seu discurso.

No processo de produção de textos orais, espera-se que o aluno:

a) planeje a fala pública usando a linguagem escrita em função das exigências da situação e dos objetivos estabelecidos;

b) considere os papéis assumidos pelos participantes, ajustando o texto à variedade lingüística adequada;

c) saiba utilizar e valorizar o repertório lingüístico de sua comunidade na produção de textos;

d) monitore seu desempenho oral, levando em conta a intenção comunicativa e a reação dos interlocutores e reformulando o planejamento prévio, quando necessário;

.

e) considere possíveis efeitos de sentido produzidos pela utilização de elementos não-verbais.

Quanto à prática de escuta de textos orais:

a) compreensão dos gêneros do oral previstos para os ciclos articulando elementos lingüísticos a outros de natureza não verbal;

b) identificação de marcas discursivas para o reconhecimento de intenções, valores, preconceitos veiculados no discurso;

c) emprego de estratégias de registro e documentação escrita na compreensão de textos orais, quando necessário;

d) identificação das formas particulares dos gêneros literários do oral que se distinguem do falar cotidiano.

3 RÁDIO: COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

Aprender está relacionado com o modo como os seres adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e transformam comportamentos, soma-se a isso os aspectos político-ideológicos, relacionados com a visão de homem, sociedade e saber. Há uma dinâmica contemporânea de aprendizagem fundada em novos conceitos, ou seja, contemporaneamente o processo de aprendizagem vem sendo relacionado a um conjunto de competências e, por conseguinte, habilidades adquiridas pelo aluno. Quanto a isso, Macedo(1999) pontua que:

> Competências são as modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer. As habilidades decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do ‘saber fazer’. Por meio das ações e operações, as habilidades aperfeiçoam- se e articulam-se, possibilitando nova reorganização das competências (INEP, 1999, p.7).

.

Macedo (1999) em seu estudo reflete sobre a questão da aprendizagem, criando um paralelo de diferentes visões acerca do processo de ensino, observa:

> Até há pouco tempo, a grande questão escolar era a aprendizagem – exclusiva ou preferencial – de conceitos. Estávamos dominados pela visão de que conhecer é acumular conceitos; ser inteligente implicava articular logicamente grandes idéias, estar informado sobre grandes conhecimentos... Este tipo de aula, insisto, continua tendo lugar, mas cada vez mais torna-se necessário também o domínio de um conteúdo chamado
> 'procedimental', ou seja da ordem do saber como fazer. Vivemos em uma sociedade cada vez mais tecnológica, em que o problema nem sempre está na falta de informações, pois o computador tem cada vez mais o poder de processá-las, guardá-las ou atualizá-las. A questão está em encontrar, interpretar essas informações, na busca de solução de nossos problemas (p.8).

Perrenoud (1997) afirma que não existe uma definição clara e partilhada de competências, para ele a palavra tem muitos significados e ninguém pode pretender dar a definição. Contudo, o autor irá considerar dois aspectos da competência: o conhecimento e a capacidade de mobilização do conhecimento. Sendo assim, definirá competência como, simultaneamente, a erudição e a capacidade de mobilização do conhecimento frente à uma situação problema. Desse modo:

> Um especialista é competente porque simultaneamente: (a) domina, com muita rapidez e segurança, as situações mais comuns, por ter à sua disposição esquemas complexos que podem entrar imediata e automaticamente em ação, sem vacilação ou reflexão real; (b) é capaz de, com um esforço razoável de reflexão, coordenar e diferenciar rapidamente seus esquemas de ação e seus conhecimentos para enfrentar situações inéditas (p. 27).

Para Valente (2002) o significado de competência como ação envolve uma série de atributos: conhecimentos, habilidades, aptidão, portanto, as competências englobam as habilidades. Portanto, foram elencadas na tabela a seguir as competências e habilidades que foram mobilizadas a partir da experiência com o projeto de rádio em sala de aula. Recorta-se, na seção que segue, conforme estudos do Centro de Estudos e Linguagens (Pró-Letramento,

.

2008) algumas modalidades de aprendizagem que são detalhadas neste estudo:

COMPETÊNCIAS	HABILIDADES
Adequar-se linguisticamente a diferentes situações comunicativas.	Vivenciar situações de usos da língua que envolvam as múltiplas diversidades culturais.
Conhecer os usos e funções sociais da escrita	Identificar a finalidade de cada texto: informar, cobrar, anunciar...
Construir compreensão global do texto lido, unificando e inter-relacionando informações explícitas e implícitas	Levantar e confirmar hipóteses relativas ao conteúdo do texto que está sendo lido, buscando pistas textuais, intertextuais e contextuais fazer inferências, ampliando a compreensão e avaliando ética e afetivamente o texto, fazendo extrapolações;
Compreender a finalidade e funções da escrita, em função do reconhecimento do suporte, do gênero e da contextualização dos textos;	Valorizar o uso da escrita com diferentes funções, em diferentes gêneros, planejando e produzindo textos escritos de gêneros diversos, adequados aos objetivos, ao destinatário e ao contexto de circulação;
Participar de interações cotidianas de sala de aula	Usar a língua falada em diferentes situações escolares, buscando empregar a variedade lingüística adequada, planejando a fala em situações formais, realizando com pertinência tarefas cujo desenvolvimento dependa da escuta e atenção.

.

4 PROJETO RÁDIO

4.1 METODOLOGIA

Ao realizar as leituras do curso de Mídias na Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, iniciou-se um processo reflexivo quanto à prática pedagógica desenvolvida. Questões como transformar os conhecimentos adquiridos em ações educativas tornaram-se questionamentos freqüentes.

Este estudo dividiu-se metodologicamente em dois momentos: no primeiro procurou-se desenvolver um estudo teórico, de cunho bibliográfico, que pudesse auxiliar na compreensão do desenvolvimento do trabalho com rádio na escola. Posteriormente, tratou de um estudo descritivo no qual se relatou a experiência de uma atividade educativa radiofônica desenvolvida por um grupo de alunos do 9º ano de uma escola municipal da cidade de Santiago-RS.

A realização do projeto se deu durante um período de quatro semanas, totalizando 20 horas aulas. O grupo era formado por dezesseis alunos, com faixa etária de quatorze a dezesseis anos.

4.2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

A ideia de realizar um projeto utilizando o rádio parte de um diagnóstico realizado no intuito de conhecer a realidade de uma turma de dezesseis alunos do 9º ano, buscando revelar quais seriam seus interesses afins. Para isso, a professora utilizou a técnica da entrevista coletiva, na qual os alunos iam relatando suas atividades diárias.

As rotinas relatadas foram esquematizadas em um cartaz que dividia as atividades de domingo à segunda-feira. Ao observar o painel, se reconhece nas descrições feitas a recorrência de um tempo destinado à audição de programações de rádio, ou seja, os alunos dispunham tempo para diversas atividades, mas a escuta de programações de rádio AM ou FM era comum a

.

todos, o que se constituiu uma surpresa, visto que se visualiza os adolescentes conectados à internet ou à televisão, sem considerar que atualmente a maioria possui celulares, os quais, entre tantos recursos, também possuem o rádio.

Parte-se então do objetivo principal de diagnosticar interesses comuns entre eles para, em um segundo momento, tentar aproximá-los por uma atividade ou assunto de interesse geral, ficando evidenciado que se interessavam não somente pelas atrações musicais, como também valorizavam programações informativas tradicionais da cidade[6]. Avalia-se, como um dos fatores que desperta esse interesse pelo rádio, a dificuldade de acesso à redes sociais, pois provêm de uma comunidade carente e, como não há *lan houses* no bairro, a escola constitui-se na única opção de uso de internet. O rádio é um meio que os alunos e a comunidade utilizam para enviar recados e oferecerem músicas para os amigos.

A partir dessa realidade, após a leitura de textos em livros didáticos de Língua Portuguesa do 9º ano, os alunos realizaram pesquisas sobre o histórico do rádio no Brasil. As pesquisas da internet propiciaram várias leituras, pois ao acessar os *links* recomendados pela professora como: História do rádio- www.locutor.info, nele os alunos encontravam hipertextos que os conduziam a outras pesquisas, como por exemplo, o *site* de Fábio Pirajá que coloca à disposição locuções feitas por ele que podem ser vistas e ouvidas.

Quanto à sistematização do trabalho, a professora disponibilizou textos do livro didático do 9º ano de Rodella, Nigro e Campos (2009- capítulo 5). Inicialmente, a professora distribuiu um texto de forma recortada e numerada para dinamizar a leitura intitulado “Nas ondas do rádio” (anexo 1). Este livro aborda o tema Rádio e TV, as notícias e telenovelas, a história do rádio, compara a notícia radiofônica com a de outros meios, propõe a produção de um radiojornal e, por fim, dentro da esquematização de conteúdos gramaticais, aborda a sintaxe da colocação (ordem direta, voz passiva pronominal, colocação pronominal, coloquialidade, colocação dos pronomes átonos em

[6] “Jornal falado” e “Olho Vivo”.

.

tempos compostos). Ressalta-se a importância de aliar conhecimentos culturais aos técnicos, pois é de conhecimento geral a cobrança de toda comunidade escolar (direção, professores, pais) em relação aos conteúdos a serem trabalhados, o qual constituiu uma das fases mais trabalhosa para o professor adequar ao projeto.

Além disso, o desafio posterior foi a audição de programações radiofônicas locais para, em seguida, a realização de uma transcrição daquelas que mais chamavam a atenção nas programações ouvidas. Vale ressaltar que as primeiras tentativas foram frustrantes, pois os alunos trouxeram transcrições bem curtas, a maioria eram propagandas ou anúncios rápidos, demonstrando assim, em uma primeira avaliação, falta de comprometimento para com o trabalho. Foi necessário um novo diálogo e retomar a proposta da tarefa. Com isso, os alunos perceberam que precisavam reconstruir seus trabalhos. Entre as programações transcritas citam-se seleções musicais, piadas, propagandas, entrevistas, paródias e informativos policiais.

De posse desses dados, parte-se para o terceiro momento: esclarecer os objetivos do trabalho com rádio, como a utilização da fala adequada ao contexto de uso, a ampliação do domínio da expressão oral e escrita, a compreensão de que existem textos que primeiramente são escritos para depois serem oralizados (conforme quadro de Marcuschi), diferença entre gêneros e suporte, destinatário, condição de produção dos textos, intenções dos autores e função social dos gêneros, utilizando textos como: “A notícia de rádio” (anexo 2), “Comparando notícias” (anexo 3), “As muitas faces da notícia” (anexo 4) e “Escrever para falar” (anexo 5).

Inicialmente os alunos foram esclarecidos de como trabalhar com os modos de produção e de circulação da escrita na sociedade, buscando consciência de o que se escreve é para ser lido, identificando a finalidade social de cada gênero: informar, cobrar, anunciar... e assim, desenvolver capacidades específicas para escrever textos informativos, instrucionais, humorísticos, literários e publicitários, reconhecendo o suporte adequado a circulação de cada gênero produzido. Além disso, reconhecer que o rádio é um suporte no qual os gêneros não dispõem do recurso de imagens, portanto todo
.

efeito de sentido está concentrado no uso da linguagem e da expressão oral. Nesta atividade foram usados, como apoio, gravações de rádio com propagandas, piadas, entrevistas e materiais impressos como revistas e jornais para estabelecer diferenças.

A continuação do projeto, em um quarto momento, propõe a divisão da turma em grupos, os quais são desafiados para a produção e apresentação de uma programação própria de rádio, realizando desde seleções musicais, paródias de programações locais, produção de propagandas, horóscopos, anúncios, classificados e até entrevistas. Durante as aulas, os grupos recebiam orientações para (re)conduzir os trabalhos, apoio de pesquisa na sala de informática e sugestões de professores de outras áreas, como por exemplo o de matemática, que auxiliou nos cálculos de porcentagem da pesquisa quantitativa de um dos grupos envolvidos.

No processo de criação, os alunos foram estrategicamente avaliados, tanto nos momentos de reformulação de seus textos, compreensão dos objetivos que se propunham em suas programações, condução e seriedade nos ensaios para a apresentação oral, leitura e entonação da voz, respeitando a exigência de cada texto. Esta proposta de apresentação não foi aceita imediatamente, pois muitos se declararam tímidos e envergonhados. A solução encontrada para minimizar a inibição dos alunos foi a construção de uma espécie de “cabine”(anexo 6), improvisada com classes empilhadas e recoberta por um tecido TNT preto, pois na verdade ninguém visualiza os locutores de rádio.

E, por fim, mostraram compreensão que para cada intenção comunicativa há um texto que se propõe a isso (gênero), com uma linguagem que se aproxima ou se distancia da fala coloquial. As mídias integradas ao projeto didático também foram atrativas, pois os alunos dominavam o uso de ferramentas como celulares, aparelho de som, *pendrives*, Cd’s, máquina fotográfica digital, que foram utilizadas para gravações de entrevistas, audição de músicas e registro da construção das atividades a serem postadas no *blog* da escola, disponibilizando mais um recurso capaz de exercitar as habilidades comunicativas de toda a turma.

.

A atividade possibilitou que os alunos liberassem a imaginação para serem ouvidos pela comunidade escolar, usando um recurso que valoriza a oralidade, a criatividade e a integração de diversas mídias, recursos e ferramentas, inclusive do computador, tanto no processo de produção quanto de divulgação de seus programas radiofônicos. Além disso, encontraram novas formas de desenvolver seus trabalhos escolares, garantindo visibilidade para o esforço despendido, ou seja, o trabalho poderia ser visto por mais pessoas do que apenas ter o aval do professor.

O projeto culminou com a presença de dois locutores de uma rádio FM local, que colaboraram mostrando como realizam uma transmissão ao vivo, via celular, durante vinte minutos de transmissão ao vivo, a qual foi acompanhada em casa pelos pais, previamente avisados (anexo 7). Na oportunidade a locutora entrevistou a direção da escola, a professora responsável pelo projeto e os alunos envolvidos (anexo 8). Os alunos posteriormente foram conhecer as dependências da rádio, o que lhes permitiu enxergar outras possibilidades profissionais, utilizando a voz, permitindo assim iniciar o diálogo com um mundo que se encontra para além dos muros da escola. Outro meio utilizado para a divulgação do trabalho da turma foi uma notícia com uma foto da apresentação da “Rádio Aurora” veiculada por um jornal impresso local (anexo 9).

Avalia-se como positivo o trabalho com o rádio no momento em que se observou as demonstrações de respeito e admiração pelos locutores, quando realizavam comentários sobre a entonação, as palavras mais recorrentes na fala dos locutores, exercitando a escuta atenta tão indispensável no início do projeto.

Embora não tivessem consciência total de suas aprendizagens, durante a avaliação diária do projeto, foi possível perceber, pelo nível de comprometimento nas construções escritas e na expressão oral da apresentação final, o crescimento apresentado ao fazer uso público da linguagem, a preocupação com a forma de pronunciar as palavras ou de como ordenar os pensamentos de forma clara, em um claro exercício de metalinguagem.

.

Dentre os objetivos iniciais do trabalho com rádio considera-se que foram alcançados principalmente as habilidades de ampliação da expressão oral, do vocabulário, a compreensão da intenção dos autores ao escrever, reconhecer para quem se está escrevendo, identificar o momento histórico que permitiu aquela produção, perceber a finalidade dos textos e nomear qual suporte é mais adequado para sua circulação na sociedade.

Citam-se entre as capacidades mobilizadas durante as aulas de Língua Portuguesa:

- adequar-se linguisticamente a diferentes situações comunicativas;
- levantar e confirmar hipóteses relativas ao conteúdo do texto que está sendo lido ou ouvido, buscando pistas textuais, intertextuais e contextuais, fazer inferências, ampliando a compreensão e avaliando ética e afetivamente o texto, fazendo extrapolações;
- Construir compreensão global do texto lido, unificando e inter-relacionando informações explícitas e implícitas;
- utilizar a linguagem escrita como apoio para registro, documentação e análise;
- ampliar a capacidade de reconhecer as intenções do autor, sendo capaz de aderir a ou recusar as posições ideológicas, valores, intenções ou preconceitos sustentadas em seu discurso.

Ao analisar os processos de criação das programações, percebeu-se que os alunos procuraram parodiar os formatos das programações já existentes nas rádios locais, sem arriscar novas construções e isso poderia ser avaliado como uma falha no processo mediador do professor, que poderá ser repensado em futuros projetos. Somam-se aos fatos negativos do projeto, a desconfiança da direção e colegas professores em relação ao aprendizado de conteúdos, reclamações com barulho e movimentação dos alunos, problemas técnicos, dificuldade de disponibilidade extra da sala de informática e conflitos entre os grupos. A experiência possibilitou visualizar que a escola não se encontra preparada pedagogicamente para assumir conjuntamente com o professor projetos como o acima relatado, pois apenas interferia para que a movimentação natural dos alunos não atrapalhasse outras turmas e .

demonstrava preocupação com os conteúdos previstos na grade curricular. Para evitar possíveis desconfianças o professor mostrava o planejamento para a coordenação do turno. Seria necessário para resolver ou minimizar esses problemas uma maior integração pedagógica, visto que o projeto ficou restrito às aulas de Português.

O trabalho com o rádio também mostrou vantagens como a melhoria no espaço de convivência, a aproximação e integração escola-aluno-professor, flexibilidade de planejamento e tempo, ampliação das possibilidades de práticas interdisciplinares e transdisciplinares, o favorecimento do protagonismo juvenil, fomentar a pesquisa, valorizar capacidades e habilidades individuais, além de dar voz aos participantes e ressignificar o aprendizado. A exemplo disso está a qualidade das redações finais sobre o projeto, após a realização da leitura do texto “O locutor e o guri”(anexo 9).

Inúmeras vezes procura-se ensinar os alunos a entender diversas linguagens ou a reproduzir gêneros textuais que circulam na sociedade fazendo-o de forma descontextualizada dos seus portadores. Ao abordar propagandas, por exemplo, porque não incluir a utilização do rádio no planejamento de aula? As diversas programações de rádio abrem muitas possibilidades para um trabalho multidisciplinar, pois podem fazer ligações com a história, a ciência e a geografia, a matemática, a filosofia; sem mencionar que permitem refletir sobre as relações humanas e a realidade social em que estão inseridos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto ao trabalho com rádio em sala de aula, se pode dizer que propicia à criança estar, ao mesmo tempo, envolvida no projeto de criação e de produção do processo radiofônico. Sendo assim, é interessante que se pense em abordar esse tipo de suporte no fazer didático lembrando que as novas demandas sociais e profissionais exigem cada vez mais pessoas que saibam se superar em situações problemas e integrar-se em equipe.

.

Na década de 70 o rádio se destacou na formação continuada dos cidadãos ofertando, além de entretenimento e lazer, cursos como o chamado Supletivo e Alfabetização de Jovens e Adultos, apoiado pela mídia impressa por intermédio de apostilas encontradas em bancas de revistas e livrarias.

Atualmente, se acompanha o surgimento de novas tentativas de utilização do rádio nas escolas como apoio pedagógico para transmissão, debate e troca de saberes. Os educadores, engajados em não reproduzir os modelos tradicionais educativos, atentam para que o rádio propicie aos educandos oportunidades de aprendizados múltiplos como selecionar, avaliar e produzir programas educativos de qualidade, exercendo um senso crítico sobre o que ouve e recebe através das diversas mídias. Projetos, sequências didáticas ou atividades, mesmo sendo tentativas de trabalho por vezes isoladas em uma escola ou a um profissional, acabam valorizando e estimulando uma aprendizagem mais colaborativa e participativa, que ressalta as habilidades individuais, o trabalho em grupo e instiga os indivíduos a passarem de coadjuvantes a corresponsáveis pelo próprio processo educativo, vindo a adquirir competências de fazer, conviver e ser, imprescindíveis para viver em uma sociedade que almeje ter suas bases projetadas na ética, na justiça e na solidariedade.

Ao entender educação como processo amplo, o trabalho com um projeto envolvendo e agregando valor aos meios de comunicação e pelo uso de tecnologias, promovem-na como um bem ao alcance de todos. Comumente os professores levam para sala de aula como instrumento usual e, porque não dizer rotineiro, jornais, revistas, filmes, no intuito de estimular as atividades de leitura ou para a produção de textos escolares através de modelos.

Ao contrário dessa prática, a experiência relatada procurou realizar atividades que aproximassem os gêneros textuais veiculados no rádio ao ambiente discursivo escolar, desassociando a leitura de textos do ambiente discursivo literário. Contudo, ao elaborar esse trabalho, o professor como mediador deve levar em consideração o tipo de cidadão que deseja formar, no sentido de promover reflexões que levem à autonomia ou acentuar ideologias ou o senso comum sobre os temas discutidos. Para que esse processo de
.

busca de autonomia aconteça, o papel do professor como detentor ou emissor de conhecimento precisa ser anulado e o educando deixa de ser sujeito passivo, para se tornar figura capaz e responsável de emitir e contestar pensamentos. Nesta instância, a comunicação entre os atores do processo educativo assume seus verdadeiros espaços e importância; o professor ao valorizar os conhecimentos prévios, as crenças, promovendo a abertura do diálogo e, o aluno, ao reconhecer-se como capaz de pensar, opinar e ensinar também. Outro aspecto que se deve levar em consideração é que esta é uma tarefa árdua, que exige energia, reflexão e persistência, para avaliar a todo momento a validade ou não das propostas para, assim, flexibilizar e reconduzir o planejamento.

O uso do rádio em sala de aula se mostrou eficaz no processo de troca de saberes. Como se sabe, esse meio de comunicação vem sendo usado em projetos parecidos com o relatado neste trabalho por várias escolas deste país, com resultados iguais ou parecidos com os descritos.Pode-se citar como exemplos o projeto ‘ O Rádio na escola” da Coordenação regional de tecnologia de Educação de Telêmaco Borba em parceria com a escola estadual Presidente Vargas, “Rádio na escola” do Colégio Estadual do Rio Grande do Norte e o Projeto “Antenados”, implementado em 2008 em algumas escolas do Ceará. Entre os resultados positivos destacam-se o interesse maior pela leitura e produção textual, pela aproximação da relação conteúdos gramaticais e semânticos abordados nas aulas, o aumento da participação oral ao abordar assuntos relacionados ao seu interesse e realidade, além de colaborar para minimizar a inibição, um dos problemas mais freqüentes na turma.

Diante disso, ressalta-se que o fato de o aluno tornar-se um autor na elaboração das programações da rádio contribui para a formação de um aluno mais crítico, não somente em relação aos assuntos escolares, mas, ao vivenciar e visualizar os objetivos propostos pelo professor, demonstrando maior compreensão para com conteúdos trabalhados em sala e com as questões do mundo atual.

.

A participação dos alunos na atividade final, expondo o resultado para toda a comunidade escolar, se constituiu em um momento que, além de socializar conhecimentos, os estudantes passaram a ter a oportunidade de mostrar suas capacidades e inteligências múltiplas. Avalia-se, também que para o professor, houve um reconhecimento positivo do seu trabalho pelos colegas, doravante desconfiados, que desaprovavam a metodologia de ensino adotada.

Porém, mesmo havendo toda esta mudança, todo trabalho que se limitar aos muros internos das escolas, não cumprirá em sua totalidade um dos objetivos do projeto: a interação entre o saber escolar e o mundo que o cerca. Na busca dessa interação, assumem um papel potencializador o uso dos *blogs*, do jornal impresso, o Orkut e a própria rádio FM que puderam auxiliar no alcance desta tarefa de veicular e divulgar os trabalhos.

Por fim, acredita-se então que projetos ou atividades com o rádio é uma opção que não pode ser ignorada pelos professores, mas seu sucesso ou não estará condicionado ao fato dele fazer parte das vivências e interesses dos alunos.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/ Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília : MEC/SEF, 1998.

ESCOLA, REVISTA NOVA. Rádio e escola, uma sintonia fina. Editora Abril, Setembro de 2003.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1992.
Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (1999). **Exame Nacional do Ensino Médio: Documento Básico 2000.** Brasília: INEP.

MACEDO, L. (1999). **Competências e habilidades: elementos para uma reflexão pedagógica.** Brasília: INEP.

.

MARCUSCHI**,** Luís Antônio**. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.**

OLIVEIRA**,** Gabriela Rodella de. **Português: a arte da palavra, 9º ano/** Gabriella Rodella de Oliveira, Flávio Nigro Rodrigues, João Rocha Campos- 1ª Ed.-São Paulo: Editora AJS Ltda, 2009.

PERRENOUD, P. (1997). **Construir as competências desde a escola.** Porto Alegre: Artes Médicas.

PONTE, Gabriella. **Sete Pontos.** Disponível em: <www.comunicacao.pro.br/setepontos/7/educom.htm>. Acesso em: 28 de dezembro de 2011.

PONTE FILHO, C. H./ PATROCÍNIO, K. R. **O Rádio na escola como instrumento educativo: estudo de caso do programa "antenados"**. Disponível em: <www.catavento.org.br/arquivos/O_RADIO_NA_ESCOLA_COMO_INSTRUMENTO_EDUCATIVO.pdf>. Acesso em: 27 de dezembro de 2011.

PRÓ-LETRAMENTO, **Programa de Formação continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem**- Edição ver. E ampl. Incluindo SAEB/Prova Brasil matriz de referência/secretaria de Educação Básica- Brasília: Ministério de Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

SAVIANI, Demerval. **Brasil: Educação para a elite e exclusão para a maioria.** São Paulo: CCA-ECCA-USP; Moderna,1997.

VALENTE, SILZA M. P. PARÂMETROS CURRICULARES E AVALIAÇÃO NAS PERSPECTIVAS DO ESTADO E DA ESCOLA. UNESP, Marília SP, 2002. Tese de Doutorado**, DISPONÍVEL EM:** http://www.ppgcc.ufpr.br/dissertacoes/d0046.pd- **ACESSO: 28/02/2012.**

.

ANEXOS

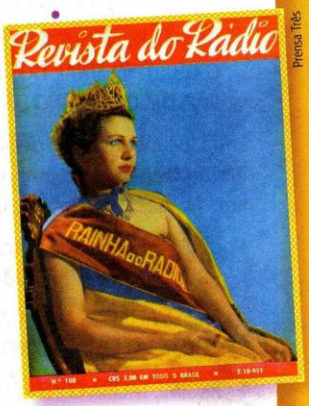
ANEXO 1

Às vezes, confundiam-se realidade e ficção. Em 1938, o cineasta estadunidense Orson Welles adaptou para o rádio o romance de ficção científica *A guerra dos mundos*, de H. G. Wells. Nessa história, recontada em tom noticioso, a Terra era invadida por marcianos que destruíam tudo pela frente. Muitos ouvintes pegaram o programa pela metade e não perceberam que se tratava de uma obra ficcional. Imaginando que o planeta estava realmente sendo atacado por alienígenas, alguns ouvintes mais desesperados pegaram a família e fugiram de casa. O evento ilustra a influência e o poder que o rádio tinha.

Orson Welles, o autor da maior "pegadinha" radiofônica de todos os tempos.

Em 1936, surgiu no Rio de Janeiro a Rádio Nacional, que logo se transformou em campeã de audiência. Entre as décadas de 1940 e 1950, durante a chamada "era de ouro" do rádio, diversas emissoras se espalharam por todo o Brasil. Música, humorismo, radionovelas, programas de variedades e informações eram as "vedetes" da programação, que as famílias ouviam reunidas na sala de sua casa.

A música popular brasileira criava suas megaestrelas: Angela Maria, Cauby Peixoto, Francisco Alves –"o rei da voz" –, Dalva de Oliveira e muitas outras. Pelo rádio, os brasileiros acompanharam atentamente as notícias vindas do *front* da Segunda Guerra Mundial (1939-1945); choraram com a radionovela *O direito de nascer* (1951); emocionaram-se com a leitura da carta de suicídio do presidente Getúlio Vargas (1954); vibraram com a primeira Copa do Mundo vencida pelo Brasil (1958); informaram-se com o *Repórter Esso*, o primeiro noticiário de radiojornalismo do Brasil, que foi ao ar de 1953 até 1970.



Prensa Três

Dalva de Oliveira, consagrada como "a rainha do rádio" no número 108 da *Revista do Rádio*, de 1951.

Com a evolução da tecnologia, o rádio se miniaturizou e passou a ser um "companheiro portátil". A partir de 1950, porém, ganhou uma concorrente: a televisão. Perdeu o *status* de rei dos eletrodomésticos, mas não sumiu. Adaptou e diversificou sua programação. E como é um veículo de comunicação barato e de grande alcance, ainda é muito valorizado pelos políticos, que não menosprezam o poder de seu alcance e de sua persuasão.

Atividades

Vamos fazer uma pesquisa rápida entre seus familiares, amigos e colegas. Pergunte ao máximo de pessoas que conseguir:

- Você escuta rádio? Por quê?
- Em que momento do dia?
- O que faz enquanto escuta rádio?
- Tem algum programa preferido?
- Do tipo de programação ao lado, de qual gosta mais?

Jornalística
- notícias
- entrevistas
- reportagens
- comentários
- debates

Cultural e educativa
- radiodramaturgia
- programação musical

Entretenimento
- programas de variedade
- programas humorísticos
- *game shows*
- programas esportivos

Outras
- programas religiosos

.

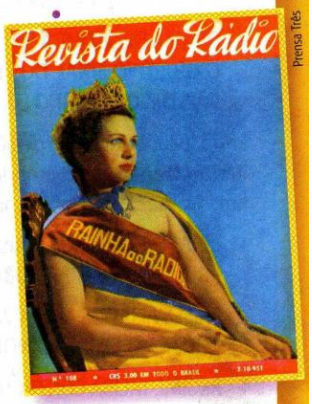
ANEXO 1- PARTE 2

Às vezes, confundiam-se realidade e ficção. Em 1938, o cineasta estadunidense Orson Welles adaptou para o rádio o romance de ficção científica *A guerra dos mundos*, de H. G. Wells. Nessa história, recontada em tom noticioso, a Terra era invadida por marcianos que destruíam tudo pela frente. Muitos ouvintes pegaram o programa pela metade e não perceberam que se tratava de uma obra ficcional. Imaginando que o planeta estava realmente sendo atacado por alienígenas, alguns ouvintes mais desesperados pegaram a família e fugiram de casa. O evento ilustra a influência e o poder que o rádio tinha.

Orson Welles, o autor da maior "pegadinha" radiofônica de todos os tempos.

Em 1936, surgiu no Rio de Janeiro a Rádio Nacional, que logo se transformou em campeã de audiência. Entre as décadas de 1940 e 1950, durante a chamada "era de ouro" do rádio, diversas emissoras se espalharam por todo o Brasil. Música, humorismo, radionovelas, programas de variedades e informações eram as "vedetes" da programação, que as famílias ouviam reunidas na sala de sua casa.

A música popular brasileira criava suas megaestrelas: Angela Maria, Cauby Peixoto, Francisco Alves –"o rei da voz" –, Dalva de Oliveira e muitas outras. Pelo rádio, os brasileiros acompanharam atentamente as notícias vindas do *front* da Segunda Guerra Mundial (1939-1945); choraram com a radionovela *O direito de nascer* (1951); emocionaram-se com a leitura da carta de suicídio do presidente Getúlio Vargas (1954); vibraram com a primeira Copa do Mundo vencida pelo Brasil (1958); informaram-se com o *Repórter Esso*, o primeiro noticiário de radiojornalismo do Brasil, que foi ao ar de 1953 até 1970.



Prensa Três

Dalva de Oliveira, consagrada como "a rainha do rádio" no número 108 da *Revista do Rádio*, de 1951.

Com a evolução da tecnologia, o rádio se miniaturizou e passou a ser um "companheiro portátil". A partir de 1950, porém, ganhou uma concorrente: a televisão. Perdeu o *status* de rei dos eletrodomésticos, mas não sumiu. Adaptou e diversificou sua programação. E como é um veículo de comunicação barato e de grande alcance, ainda é muito valorizado pelos políticos, que não menosprezam o poder de seu alcance e de sua persuasão.

Atividades

Vamos fazer uma pesquisa rápida entre seus familiares, amigos e colegas. Pergunte ao máximo de pessoas que conseguir:

- Você escuta rádio? Por quê?
- Em que momento do dia?
- O que faz enquanto escuta rádio?
- Tem algum programa preferido?
- Do tipo de programação ao lado, de qual gosta mais?

Jornalística
- notícias
- entrevistas
- reportagens
- comentários
- debates

Cultural e educativa
- radiodramaturgia
- programação musical

Entretenimento
- programas de variedade
- programas humorísticos
- *game shows*
- programas esportivos

Outras
- programas religiosos

.

ANEXO 2

A notícia de rádio

O rádio é um veículo que tem uma característica interessante. Ele não "monopoliza" a atenção do ouvinte. As pessoas podem fazer outras atividades enquanto escutam sua programação, como dirigir um automóvel, andar, correr, cozinhar, costurar ou executar quaisquer trabalhos manuais.

Houve uma época em que a função principal do rádio era entreter o ouvinte com radionovelas, *shows* e concursos de calouros. Atualmente, a televisão ocupa esse lugar, e o rádio se adaptou aos novos tempos. Por isso, as emissoras de rádio voltaram-se para outros tipos de programas, como os esportivos, os religiosos, os de serviços à comunidade ou, principalmente, programas jornalísticos – com notícias atualizadas de tempos em tempos ao longo do dia, entrevistas, comentários de especialistas em política, economia e esportes.

O rádio, aliás, é um excelente aliado do jornalismo. Muitos programas são gravados com antecedência, muitas reportagens são realizadas e editadas antes de ir ao ar, o que permite a correção de eventuais erros. Porém, a força do rádio se deve aos conteúdos veiculados ao vivo, ao caráter imediato de sua programação. Essa é a grande vantagem do rádio sobre outros meios de comunicação: sua mobilidade permite que o fato seja transmitido no momento de sua ocorrência.

A notícia, em si, não é diferente no rádio, no jornal ou na televisão. O que muda é a *maneira* como é apresentada. Na televisão, além da fala do apresentador, existem também as imagens que também constroem a informação relatada. Os jornais impressos lançam mão de uma série de recursos visuais e gráficos para complementar e ilustrar a notícia. O rádio, por sua vez, conta apenas com o relato oral da notícia e de todas as informações que a equipe de reportagem conseguir. A voz é o instrumento do radialista.

Por isso, o texto para o rádio é muito importante. Textos para serem ouvidos são bem diferentes dos feitos para serem lidos. Em um jornal impresso, o leitor pode reler o que não entendeu; no caso do rádio, não pode "reouvir" o que foi dito. Portanto, o texto de rádio precisa ser objetivo, composto por frases curtas, escritas na ordem direta. (Leia o item Coloquialidade na página 171.)

O didatismo e as repetições são outros recursos do texto produzido para o rádio. As repetições, além de fazerem com que o ouvinte grave mais facilmente o conteúdo veiculado, dirigem-se muitas vezes àqueles que pegaram a reportagem no meio e não ouviram o que se disse antes. Mas não podemos esquecer, porém, que a linguagem radiofônica precisa ser agradável, uma vez que seu público conta apenas com o recurso da audição.

.

ANEXO 3

Mão na Massa

Comparando Notícias

Objetivo

Observar notícias veiculadas por diferentes meios de comunicação e anotar suas diferenças.

1. Grupos

- Dividam-se em grupos de 4 alunos.
- Escolham um dia específico. Cada grupo selecionará um assunto noticiado nesse dia.
- O mesmo assunto será pesquisado nos seguintes meios de comunicação pelos integrantes do grupo:
  - rádio (ao menos duas emissoras);
  - TV (ao menos duas emissoras);
  - jornal impresso (ao menos dois jornais);
  - internet (ao menos dois *sites* de notícias).
- Cada componente do grupo fica responsável pela pesquisa em um dos meios de comunicação.
- Aqueles que escolheram jornal e internet podem trazer o texto impresso ou copiado para o grupo analisar.
- Os que optaram pelo rádio e pela TV precisarão gravar a notícia para depois transcrevê-la. Caso não seja possível gravá-las, façam anotações detalhadas do que foi visto e ouvido.

2. Escutando, lendo e assistindo a notícias

- Antes de começar a coleta de dados, lembrem-se de que o grupo todo deve coletar material sobre o mesmo assunto. Conversem entre vocês para trocar informações e decidir onde pesquisar.
- Durante a coleta, devem prestar atenção a:
- **no rádio:**
  - como a notícia é introduzida;
  - qual é a primeira chamada para ela;
  - se há comentários a respeito dela feitos posteriormente.
- **na TV**:
  - como a notícia é apresentada na introdução do telejornal, com qual frase;
  - como ela é desenvolvida posteriormente;
  - que imagens a acompanham.
- **no jornal impresso**:
  - como a notícia é apresentada na primeira página;
  - que outros textos, imagens e recursos gráficos acompanham a notícia.
- **na internet:**
  - que elementos acompanham a notícia (imagens, gráficos, *links*, vídeos).
- Todos devem notar qual o destaque que a notícia escolhida teve em relação às outras do dia.

3. Comparando

- Reunido o grupo com o material impresso e anotações recolhidas, comparem:
  - Quais veículos conseguiram ser mais exatos em relação às notícias?
  - Quais conseguiram aprofundar mais o assunto e trouxeram mais detalhes?
  - Quais deram mais destaque para a notícia?
- Formulem hipóteses com base no resultado: se houve diferenças entre as notícias, elas terão ocorrido por qual razão?

Avaliação

- Como se deu o trabalho em grupo? Todos colaboraram?
- O grupo conseguiu se organizar para que a mesma notícia fosse coletada por todos?
- Foi difícil a coleta de dados para a pesquisa? Qual foi a maior dificuldade nessa fase?
- O material coletado foi suficiente para fazer a comparação entre os diferentes meios? Em caso negativo, o que faltou?
- Quais foram as hipóteses levantadas pelo grupo para as diferenças entre as notícias?
- Os grupos chegaram a conclusões semelhantes ou muito diferentes?

.

ANEXO 4

As muitas faces da notícia

Diferentes meios de comunicação divulgam notícias, mas cada um o faz à sua maneira. Como já foi dito, a notícia, em si, não muda muito, seja no rádio, no jornal, na televisão ou na internet. O que muda, em princípio, é o *modo* como a notícia é apresentada.

A quantidade de conteúdo veiculado e o grau de aprofundamento também variam. No caso da TV, o tempo não permite que se veiculem todas as notícias do dia. Muitos especialistas afirmam que os telejornais equivalem apenas a uma primeira página de jornal impresso, em termos de conteúdo jornalístico. Já a internet dispõe de um espaço praticamente ilimitado para desenvolver uma notícia e nela há a possibilidade ilimitada de se propor conexões (*links*) para informações em outras páginas de conteúdo.

Os **telejornais** seguem um padrão bastante rígido e formal. Sua introdução é feita em geral com o que se chama de "escalada", uma sequência de manchetes das notícias que serão veiculadas a seguir. Depois, vem a exibição das notícias por seus apresentadores (ou "âncoras") – que ficam no estúdio da emissora, enquanto repórteres são filmados nos locais dos acontecimentos noticiados. Esse formato é complementado por matérias editadas pela produção e, eventualmente, por curtas entrevistas com especialistas. O programa dura cerca de meia hora, que, segundo o modelo importado dos Estados Unidos, é o tempo máximo que um telespectador suporta assistindo a notícias.

"É verdade, eu vi na TV", poderia dizer o seu colega. A imagem televisiva não deveria deixar dúvidas, o que é mostrado só pode ser real. No entanto, as imagens veiculadas resultam de um processo de edição realizado pela emissora. Acima, William Bonner, editor e apresentador do *Jornal Nacional*.

Na **internet**, a notícia pode circular em vários formatos. Os "portais", grandes *sites* que divulgam notícias de interesse geral, contêm material produzido especialmente para eles ou adaptado de outros veículos de informação. Há também *sites* especializados que divulgam notícias apenas de uma determinada área (economia, tecnologia, esportes, ecologia...), bem como *blogs* voltados para um único tema, produzidos por jornalistas ou simplesmente por blogueiros aficionados do assunto.

Os tempos modernos estão transformando o universo noticioso que nos cerca. Passamos por um processo que os especialistas chamam de **convergência digital**, ou convergência tecnológica. Ou seja, meios de informação e telecomunicação que eram completamente distintos e independentes, como o rádio, a televisão, o jornal e até mesmo o telefone celular, estão, aos poucos, se transformando em um grande sistema interligado.

Há tempos, jornais impressos publicam versões de seus textos na internet. Pela *web*, também é possível acessar diversas rádios ao vivo e certas programações de TV, às vezes até de forma interativa. Todo esse conteúdo pode chegar ao aparelho celular de última geração. A maneira como o cidadão do século XXI se informa sobre o mundo está em plena revolução.

.

ANEXO 5

Língua em Uso

Escrever para falar

As dicas a seguir foram elaboradas para a escrita da notícia radiofônica, mas servem também, em linhas gerais, para o texto lido na televisão.

Tempo de locução

Dez linhas de 70 toques (caracteres) equivalem a, aproximadamente, um minuto de locução radiofônica.

Coloquialidade

A principal característica do texto veiculado no rádio é a sua coloquialidade, ou seja, ele deve ser escrito para ser falado com naturalidade (leia sobre isso na página 171).

Uso de palavras simples

Sempre se deve dar prioridade a palavras de uso corrente, que sejam conhecidas da maioria dos ouvintes. O texto deve ser acessível a pessoas de qualquer faixa de idade ou escolaridade. Deve-se evitar o uso de termos muito técnicos. Ao usar palavras complexas, elas devem ser explicadas em uma sentença curta. Veja o exemplo abaixo:

"...a caça do *Aedes aegypti*, o mosquito da dengue".

Palavras em outra língua

Para facilitar o trabalho do locutor, quando houver palavras estrangeiras, como nomes de pessoas ou cidades, deve-se escrever sua pronúncia ao lado, de forma destacada, sublinhada ou em outra cor. Observe:

Hollywood (RÓLIUD) • Nicolas Sarcozy (NICOLÁS SARKOZÍ)

Quando houver equivalentes, deve-se usar expressões em português.

Frases curtas

Não se usam frases muito longas, maiores do que duas linhas de texto. As frases devem poder ser emitidas em um só fôlego.

Ordem direta

Deve-se sempre dar preferência à ordem direta (sujeito + verbo + complementos + circunstâncias). Veja mais sobre orações diretas na página 174. Confira os exemplos abaixo:

Ontem à noite, durante a assembleia, foi decidida a paralisação por tempo indeterminado dos ferroviários. (ordem indireta)

Os ferroviários decidiram pela paralisação por tempo indeterminado durante a assembleia de ontem à noite. (ordem direta)

Números arredondados

Não se deve escrever "97.530 pessoas", mas sim "cerca de cem mil pesso-

.

ANEXO 5- PARTE 2

as". Deve-se sempre escrever os números por extenso "oito bilhões e meio de dólares", em vez de "US$ 8,5 bilhões".

Repetir de outra maneira

Deve-se evitar a repetição das mesmas palavras na mesma frase ou na frase seguinte. Os termos repetidos devem ser substituídos por um sinônimo. É possível usar alternadamente o nome da pessoa e a função, cargo ou atividade por ela exercida. Veja:

Pelé > o ex-jogador • Barack Obama > o presidente dos Estados Unidos

Rimas e cacofonia

Rimas podem soar bem em um poema, mas ficam estranhas em um texto radiofônico. Por isso, nesse gênero de texto, sons semelhantes devem ser evitados.

"Apareceu doente, de repente, em frente ao departamento médico."

A cacofonia acontece quando o som final de uma palavra emendado com o começo da seguinte soa como uma terceira palavra. Observe:

"Ela tinha..." • "Na boca dela."

A melhor maneira de evitar esses problemas é falar em voz alta o texto escrito e reescrever trechos comprometidos.

Gerundismo

Além de não ficar bem no rádio, é perda de tempo usar três verbos no lugar de um. A economia, nesse caso, é fundamental.

"O presidente vai estar recebendo em Brasília..."

"O presidente receberá em Brasília..."

Pontuação

Para evitar que o locutor erre na entonação de uma frase interrogativa, o redator deve colocar o respectivo sinal de interrogação, entre parênteses, no início da frase:

"(?) As medidas anunciadas ajudarão a deter a queda no consumo?"

Leia alto

Ao escrever, o redator de rádio sempre deve ler seu texto em voz alta. Dessa maneira, ele pode verificar se o texto flui com naturalidade. Caso contrário, ele deve reescrevê-lo.

Textos à mão

Em um ambiente profissional, é inaceitável receber um texto manuscrito para ser lido no ar. Na atividade escolar, porém, os textos podem ser escritos à mão – mas precisam trazer uma letra bem legível, pois geralmente serão lidos por alguém que não os escreveu.

.

ANEXO 6-
AO FUNDO DA IMAGEM A “CABINE” IMPROVISADA COM TNT PRETO

ANEXO 7-

.

ANEXO 8

ANEXO 9

VARIEDADES EXPRESSO ILUSTRADO - 16 de julho de 2010

Central FM é tema de estudo

Comunicadora Drika Machado e alunos da Aurora Lubnon.

Em comemoração aos 21 anos, a escola municipal Aurora Lubnon convidou a comunicadora Drika Machado, da Central FM, para falar sobre o trabalho da nova emissora santiaguense. Na última quarta, ela foi recebida pelos alunos e contou como são produzidos os programas, as notícias e também como é o contato com os ouvintes. Os estudantes se mostraram curiosos, pois acompanham e gostam da Central FM. Para homenagear a locutora, escolhida por votação entre os estudantes, eles apresentaram uma peça teatral chamada "Rádio Nova Aurora FM".

.

.

.